

## Os estudos sobre Jornalismo Infantil na Comunicação: Um mapeamento das pesquisas no Brasil<sup>1</sup>

Gabriela Almeida SILVA<sup>2</sup>

Thaís Cristina BUENO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

### RESUMO

Este artigo se propõe a levantar como o tema jornalismo infantil tem sido tratado nas pesquisas em Comunicação. Deste modo, este trabalho realiza um mapeamento da área no Brasil de estudos que abordam o tema criança/infância e jornalismo infantil. Para análise, foram observadas 86 pesquisas com o objetivo de definir o perfil e método utilizado pelos pesquisadores. O estudo é quantitativo e teve como base as publicações realizadas na plataforma da Capes, bem como os anais de 5 eventos de referência na área - Intercom Nacional, Compós, Sbjor e Alcar. O recorte temporal é dos últimos 5 anos (de 2018 a 2014). Preliminarmente nota-se que grande parte dos estudos concentram-se em observar a publicidade feita para crianças por meio de análise do conteúdo e há poucas pesquisas focadas na produção jornalística para a infância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Jornalismo Infantil; Criança; Infância; Mapeamento.

### Introdução

O Jornalismo infantil é, segundo Doretto (2014), aquele voltado para criança, produzido e pensando a partir de seus gostos e preferências. De acordo com Varão e Bemfica (2009), o prelúdio para o nascimento do jornalismo infantil é a concepção do que é infância, no século XVIII, quando deixa de ser vista como uma espécie de mini-adulto e surge a preocupação com a sua formação. É neste contexto que nascem as escolas e dentro delas os jornais escolares. “Se iniciou com a ascensão de uma nova forma de organização social (a sociedade complexa), de uma ideologia burguesa e da valorização da instrução” (VARÃO; BEMFICA, 2009, p.3).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social–Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e-mail: [gabrielaalmeida.gc@gmail.com](mailto:gabrielaalmeida.gc@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e-mail: [thaisabu@gmail.com](mailto:thaisabu@gmail.com).

---

No Brasil, os primeiros jornais escolares começaram a ser produzidos com a chegada da família imperial no século XIX, com o incentivo à educação escolar. Um marco nas publicações infantis foi a revista semanal “Tico-tico”, de 1906, que apesar de ter suas publicações ofertadas em bancas, não tinha um fim mercadológico, já que a finalidade era essencialmente pedagógica (FERREIRA, 2007b).

Pensando nesse tipo de jornalismo, nasce o questionamento, como andam as pesquisas acerca do tema jornalismo infantil, criança e infância no âmbito dos estudos da Comunicação? Entendendo a importância de saber como está a produção sobre tema, tanto para preencher as lacunas, quanto para compreender amplamente as produções, realizou-se o mapeamento da área para obtenção destas respostas. Para tanto fez-se a coleta de dados da plataforma Teses e Dissertações da Capes, que reúne as teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do país e os anais dos principais eventos: *Intercom Nacional* um congresso de Ciência da Comunicação que acontece desde 1977, *Sbjor* congresso sobre Jornalismo realizado pela Universidade de Brasília que acontece desde 2003, *Compós* reúne desde 1991 pesquisadores de comunicação em nível de mestrado e/ou doutorado e *Alcar Nacional* busca o resgate da memória da imprensa no Brasil. Ao todo foram levantados 86 trabalhos. Realizando o recorte dos últimos 5 anos de publicações e entendendo a importância destes para difusão científica dentro da área da Comunicação.

Esta pesquisa soma na área por não ter sido encontrado levantamentos organizados que pudessem sistematizar o assunto. Este mapeamento constitui como a primeira parte de um Trabalho de Conclusão de Curso<sup>4</sup>. Para entendimento da pesquisa, este artigo é apresentando primeiramente com estudos a respeito do jornalismo infantil e a infância, a metodologia aplicada no trabalho, a análise dos resultados coletados e as considerações finais do estudo.

### **A infância e o Jornalismo Infantil**

Como reitera Traquina (2005), o jornalismo são histórias da vida contada como notícias, tem o papel de informar o público sem censura e o poder de ser guardião da democracia. Para a criança o jornalismo tem a função de informar, através de uma

---

<sup>4</sup> Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Gabriela Almeida Silva, que estuda o suplemento do Jornal O Progresso da cidade de Imperatriz, O Progressinho.

---

linguagem própria e simples de tal maneira que interesse e chame a atenção (DORETTO, 2014).

Como sublinhado por Varão e Bemfica (2009), o prelúdio para o jornalismo infantil aparece com as primeiras literaturas infantis, com a ideia de infância formada e a criação das escolas, percebeu-se a necessidade de materiais que servissem para formação da criança. Foi deste modo que se produziram diversas histórias feitas para elas, como "Contos da mamãe gansa" (1695), "Os contos dos irmãos Grimm" (1812), "Alice no País das Maravilhas" (1865) por Lewis Carrol.

O Brasil instaurou as primeiras produções de jornais infantis com a chegada da família Imperial no século XIX, que tinha apreço pela a educação e ensino escolar, iniciou-se a produção de jornais com finalidade pedagógica (FERREIRA, 2007b). É nesse cenário que aparecem dentro do campo jornalístico as primeiras publicações do *Jornal da Infância*, em 1898, e a revista semanal *O Tico-Tico*, em 1905 (ANDRADE e SILVA, 2017).

Com a segmentação do jornal, organizado por divisão temática, as editorias, no século XX (NORA, 2008) começou-se a produzir um jornal para criança pensando além das escolas (FURTADO, 2015). Válido pontuar que os anseios de uma produção segmentada são bem mais antigos. Conforme elucida Ribeiro (2000), o primeiro veículo de âmbito nacional a adotar a chamada *cadernização* foi o *Jornal Brasil*, em 1893, com uma edição dedicada à seção feminina e quase 20 anos depois, em 1912, uma seção exclusivamente esportiva. Porém, somente por volta do fim de 1980 e início de 1990, o *jornal Folha de São Paulo* consolidou um modelo de editoria no país (SOUZA SILVA, 1996). Ainda segundo o autor, Souza Silva (1996), a *cadernização* é uma tendência que atende a demanda do público, já que nem tudo que está no jornal é de interesse de todos.

No entanto, com essa nova demanda e a produção de um jornalismo infantil nasce alguns problemas dentro da área. A dificuldade de definir uma linguagem própria para produção de um jornal feito para criança. É preciso apropriar-se de recursos que condizem com os discursos que circundam a menor idade para criar um material que se adeque ao público. Desta maneira, permitir o acesso à informação ao público infantil usando uma linguagem simples e educativa.

[...] traçar padrões e modelos para a parcela da infância contemporânea que deseja atingir: as áreas sobre as quais as crianças podem se informar, do que podem falar e o que podem ler e ouvir, como podem se divertir, como o produto feito para elas deve ser apresentado, de que material deve ser confeccionado. (DORETTO, 2014, p.61)

Ferreira (2007b) afirma a necessidade, além da linguagem e padrões de escrita do jornal, de pensar na estética da página, já que a criança quer texto mais ilustrados e coloridos. Mas produzindo para criança, ou qualquer público, antes é preciso pensar no "leitor modelo", conforme descrito por Machado e Borelli (2013), que é público leitor imaginado previamente dentro das redações. Como explicam, o jornal define um leitor específico que consome aquelas páginas e produz seu conteúdo pensando nele.

Doretto (2014) em seus estudos define alguns modelos de crianças que o jornal parece deliberar e ignorar. Ao que se percebe, há dois modelos de criança que o jornal se dirige, o que ajuda a definir os mesmos. O primeiro é a criança ligada à escola, que tem acesso à educação e à ciência. É a "criança-aluno". Outro modelo encontrando é a "criança investida", aquela que recebe total atenção dos pais e possui condições financeiras estáveis. Identificando para quem o jornal não fala, Doretto (2014) define as crianças que não se encontram no jornalismo infantil como aquelas que estão à margem da sociedade, envolvidas no padrão de violência, falta de acesso à educação e informação, são as "crianças ameaçadas" e a "criança maltratada". Demonstra que para estas "cabem as páginas do noticiário político, econômico ou policial. Elas são crianças, mas ainda não atingiram o patamar esperado em termos de uma "infância modelo" sobre a qual vale a pena falar" (DORETTO,2014, p.68).

Também pensando na atualidade e no acesso à internet, Ferreira (2007b) define outros modelos, o das crianças que estão no mundo virtual: "crianças-jovens" que consideram o produto infantil muito infantil e buscam por questões ligadas ao universo jovem; e as "crianças-eletrônicas", que estão mais ligadas à televisão e à internet. Nesse novo modelo digital, as crianças estão mais habituadas com o meio, existe um modelo "nativo-digital" no qual as crianças acostumadas com um mundo mais imediato, gostam de repostas rápidas e o jornalismo infantil precisa se adaptar a este modelo (DORETTO,2010; MACIEL et al, 2018).

Apesar de o jornal/jornalista cumprir com seu papel social de informar<sup>5</sup>, definir para que criança se escreve também é condicioná-la a um papel esperado. Os jornais produzem apenas para as crianças com condições de cumprir seu papel social: a criança aluna, a criança brincante, a criança filha e neta entre outros pré-estabelecidos. Isso quer dizer que, de acordo com Doretto (2014), quando o jornalista define e toma para si o

---

<sup>5</sup> Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, Capítulo I, Art. 1º

olhar da criança, ele mergulha em sua fantasia e tenta narrar o mundo da maneira que a criança olharia e assim decidindo o que seria o melhor tema para ela ler. É nesse ponto do qual a produção é criticada, já que se observa a falha do jornalismo infantil. O problema de definir um "leitor-modelo" nasce do fato de que quando se faz isso não se desenha apenas um perfil, mas se imagina o que é a infância (MACHADO e BORELLI, 2013). Tentar ler e traduzir a infância pode causar e cair na dualidade de superestimar ou subestimar a criança (MACHADO e BORELLI, 2013). Ainda mais porque o jornalismo infantil pouco dá abertura à fala da criança, normalmente dentro das páginas do jornal encontra-se a linha de discurso do adulto que fala pela criança, do adulto que pensa pela criança e sabe do que ela gosta e quer (DORETTO, 2014; FURTADO, 2015, FERREIRA, 2007a).

Como esclarece Doretto (2014), esta prática limita o público e despreza as diversas infâncias, quase como se o jornal criasse a criança para qual escreve. Dentro da academia, ainda de acordo com a autora, é possível definir a partir da leitura do jornal qual representação da infância criada pelo próprio jornal/suplemento. Através de seus estudos, percebeu que os jornais infantis ignoram alguns temas que refletem questões de gênero, raciais e políticas. Para Takara (2017), isso pode ser explicado por que os veículos de comunicação dão pouco espaço para aqueles que fogem os padrões de "normalidade" culturalmente produzidos pela sociedade, isso faz com que, quem não esteja dentro deste círculo, não adentre esse espaço. Isso permite que debates acerca da questão de gênero, política ou social sejam marginalizados. Nascimento (2015), constatou que é preciso familiarizar a criança com estas questões, ao passo que não pensar que discussões políticas não são do interesse desse público é um problema, já que o jornal tem a forte influência de moldar o que é ser criança. (DORETTO, 2014; NASCIMENTO, 2015).

A solução está em pensar em um jornalismo que ouve a criança e é mais pedagógico, produzido nesta vertente, abrindo pautas que são realmente de interesse da criança e as eduque para questões sociais (NASCIMENTO, 2015; FERREIRA, 2007a). Porém, o que se tem visto, são produções jornalistas que tem fins mercadológicos, focados na atração de publicidade (DORETTO, 2014).

No entanto, como declara Andrade e Silva (2017), em estudos mais recentes, pouco tem-se falado e produzido sobre jornalismo infantil. “E com o contínuo desaparecimento dos jornais infantis, discursos de profissionais da área da comunicação

---

passaram a alertar sobre a necessidade de conteúdo voltado para crianças” (ANDRADE E SILVA, 2017, p.5). Os autores compreendem a importância de um veículo que dissemine informação pensada para criança, visto que pode ser a solução para a atual lacuna existente para falta de busca por informação e o crescente desinteresse (e confiabilidade) pelo jornalismo.

Entendendo a importância do tema, com todo aparato teórico aqui revisado, é preciso buscar compreender como se encontram as produções acadêmicas acerca do tema criança, visto que é dentro da academia que as soluções sociais aparecem. Inteirar-se em como se encontra essas produções permite entender as lacunas e produzir respostas. Principalmente, pela importância da difusão científica, que abre espaço para troca de informação e melhoramento de produção (STUMPF, 1996).

### **Metodologia**

Este trabalho se insere na metodologia quantitativa que “tem como principal característica a unicidade da forma de coleta e tratamento dos dados” (LIMA, 2016, p.16). Usando especificamente o mapeamento de dados. Para a execução do estudo foi realizada a coleta de dados de cinco anos (2018 a 2014) na plataforma Teses e Dissertações da Capes e nos anais: Intercom, Sbjor, Compós e Alcar. O banco de dados da Capes foi escolhido devido a facilidade do acesso às teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do país, o que nos permitiria um olhar mais amplo sobre a recorrência do tema aqui pesquisado dentro dos PPGCOM. A escolha dos eventos, parte do entendimento da importância da difusão científica e do reconhecimento deles dentro da comunidade.

No levantamento foram usados como palavras-chave de busca as expressões “criança”, “infância”, “infantil” e “jornalismo”, que nos permitiria o acesso e a encontrar os trabalhos necessários para a catalogação. O que no tratamento dos dados facilitaria a não ter pesquisas que não conversassem com o tema.

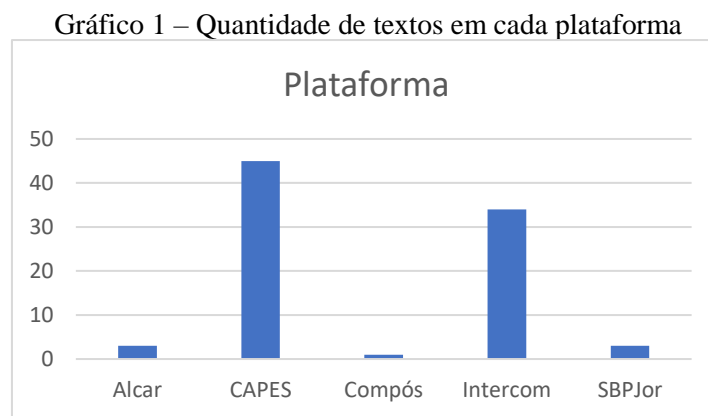
Os trabalhos que se encaixavam foram baixados em arquivos para análise. No total chegou-se a 86 trabalhos, sendo que destes 8 eram teses, 37 dissertações e 41 artigos.

Metodologicamente atou-se um livro de código, “É a técnica operacional utilizada para categorizar os dados que se relacionam. Mediante a codificação, os dados são transformados em símbolos, podendo ser tabelados e contados.” (MARCONI e

LAKATOS, 2003, p. 167). Com 18 variáveis que definiam o perfil do autor, os métodos utilizados para a realização da pesquisa e as referências bibliográficas, onde apenas as 17 interessam a este trabalho, o estudo das referências bibliográficas não adentra a pesquisa pois cabem apenas para revisão das obras. A ideia é analisar o perfil e o método utilizado por quem pesquisa acerca do tema comunicação-jornalismo-criança. Esta pesquisa é quantitativa com análise de conteúdo para o tratamento dos dados segundo Bardin (2011), trata-se de um mapeamento onde foi realizado uma pesquisa documental.

### Apresentação dos Resultados

O gráfico 1 apresenta os dados da quantidade de trabalhos encontrados em cada plataforma, o que indica o nível de interesse sobre o tema tanto para os autores quanto para plataforma que pública.

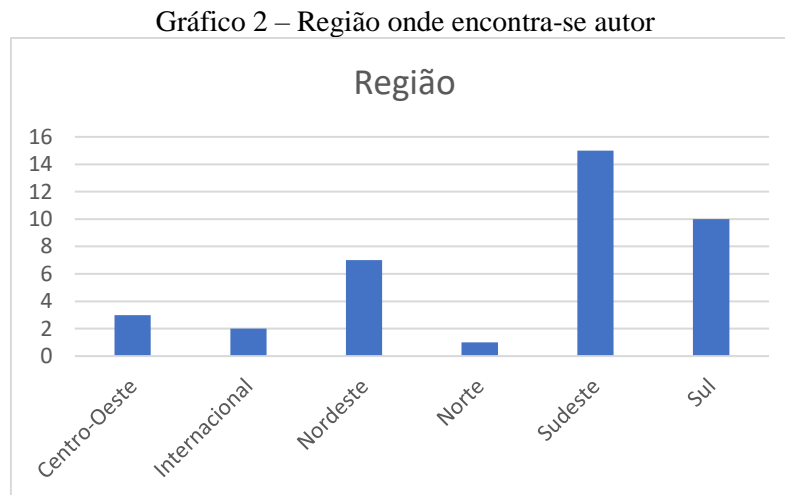


Fonte: Autor (2019)

Dentre os 86 textos encontrados: 8 eram teses, 37 dissertações e 41 artigos. Dos 41 artigos, 14 foram produzidos por um mestre/mestrando e 12 por um doutor/doutorando. O dado demonstra que boa parte dos autores em mestrado tiveram interesse pelo tema, na graduação e no doutoramento há poucas pesquisas.

Observando o Gráfico 1, demonstra que a Capes e o Intercom foram as plataformas que mais publicaram acerca do tema criança/infância/infantil dentro da Comunicação. Sendo que a Capes conta com 45 pesquisas publicadas e o Intercom com 34, ou seja, 95,85% do total. É possível observar também nos anais da Compós nos cinco anos observados, encontrou-se apenas um artigo referente ao tema.

Dentre os 86 textos encontrados também foi observado onde se localizavam as produções, abrindo espaço dentre as variáveis, exclusivamente, quais eram estas universidades, foram contadas no total 40 instituições onde é possível identificar a região dos autores. Estes dados são apresentados no Gráfico 2.



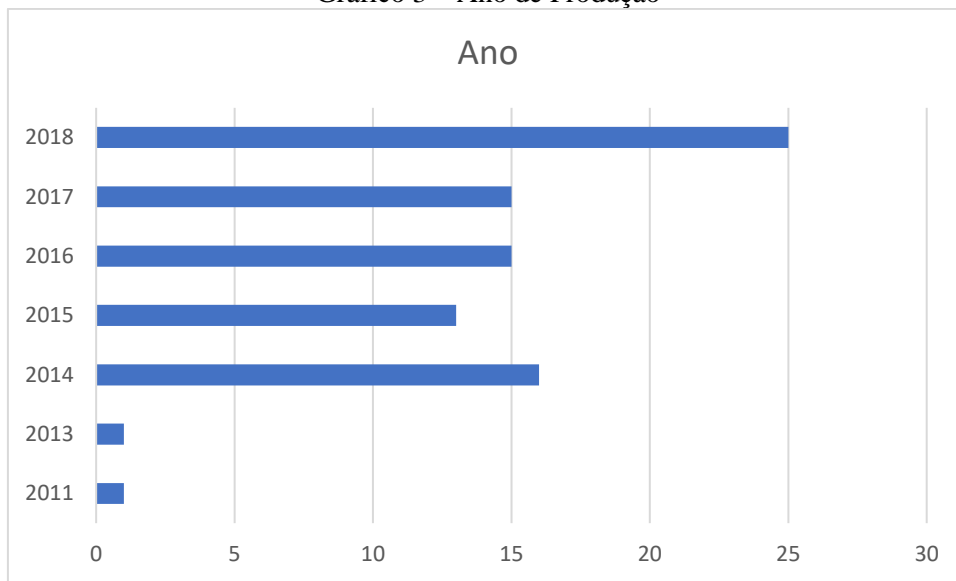
Fonte: Autor (2019)

A partir dos dados coletados, é possível concluir que boa parte dos autores se encontram na região Sudeste-Sul do país, sendo seguido por Nordeste e poucas produções no Norte, um dado interessante chegado é a publicação de 2 pesquisas de autores de universidades internacionais. Os dados podem ser explicados devido à grande concentração de universidades no Sudeste e Sul do país e ao grande número de PPGCOM localizados nessas regiões. O estado de São Paulo, por exemplo, concentra 14 programas. Além disso, 24 programas estão na região Sudeste, o que chega a quase 50% da pós-graduação em Comunicação no país. O que aponta maior necessidade do estudo sobre tema em outras localidades, o gráfico 2 demonstra um déficit da área nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste. Este dado já era esperado, visto que, outros mapeamentos na área da Comunicação observaram o mesmo resultado. (CORUJA, 2018; SILVA et al, 2018)

Quanto ao ano de produções, os dados levantados podem ser vistos do Gráfico 3.



Gráfico 3 – Ano de Produção

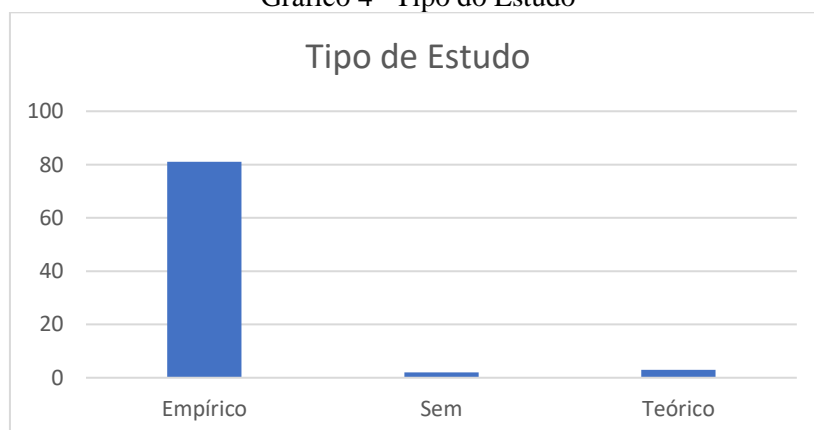


Fonte: Autor (2019)

O gráfico 3 indica que houve um interesse crescente pela área no ano de 2014, contando com 16 produções, este nível de interesse caiu no ano de 2015, com 13 produções. O ano de 2016 e 2017 as produções ficaram estáveis com 15 produções. No entanto no ano de 2018, o interesse pelas pesquisas foi crescente, o que pode levar futuramente a mudança dos dados catalogados nesta pesquisa.

Levando em conta o método utilizado, foi observado em qual área de estudo as pesquisas se concentram. O levantamento encontra-se do Gráfico 4.

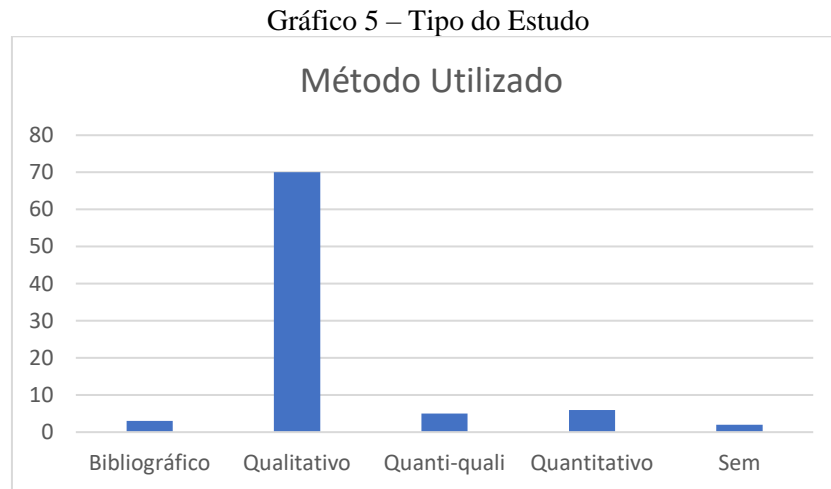
Gráfico 4– Tipo do Estudo



Fonte: Autor (2019)

Grande parte das pesquisas, sendo elas 81, são de estudos empíricos. Seguido por 3 texto teóricos e os outros dois foram os textos não encontrados para análise.

No Gráfico 5, é possível identificar qual método foi mais utilizado para chegar aos resultados.

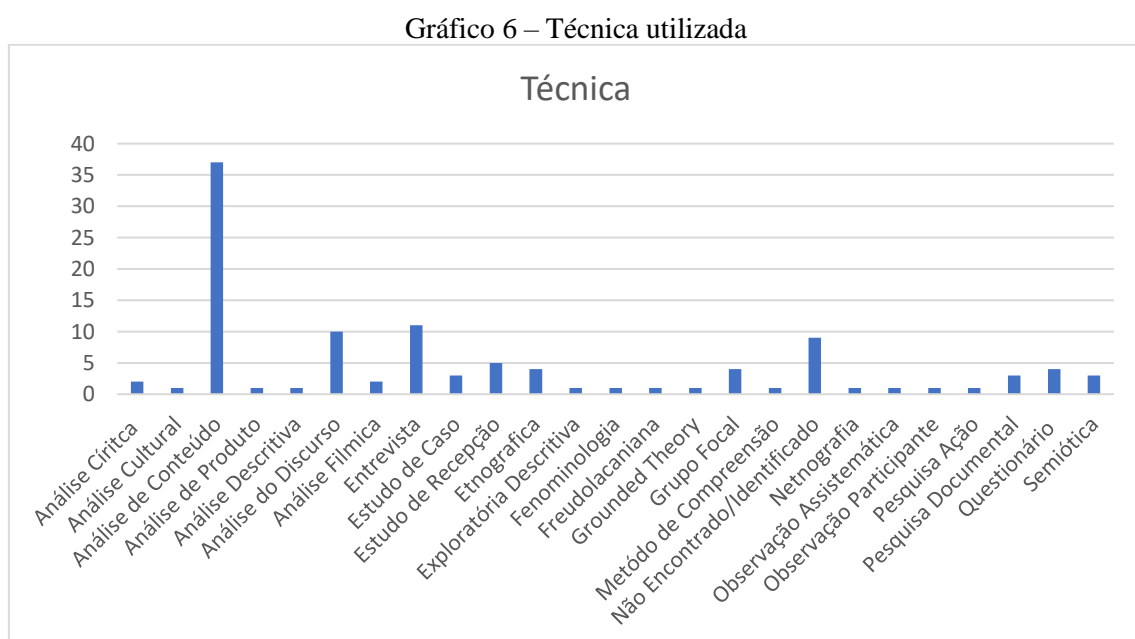


Fonte: Autor (2019)

Nota-se que método mais utilizado pelos autores/co-autores na pesquisa foi o qualitativo, contando com 70 trabalhos que optaram por esta técnica. Sendo que 6 deles preferiram o método quantitativo e 5 quanti-quali. Os 3 textos teórico são identificados como bibliográficos. E outros dois não encontrados, contabilizaram como sem identificação no levantamento.

Isso demonstra uma marca dos estudo sobre o tema, que focam em análise de produtos já existentes e uma deficiência em levantamentos teóricos.

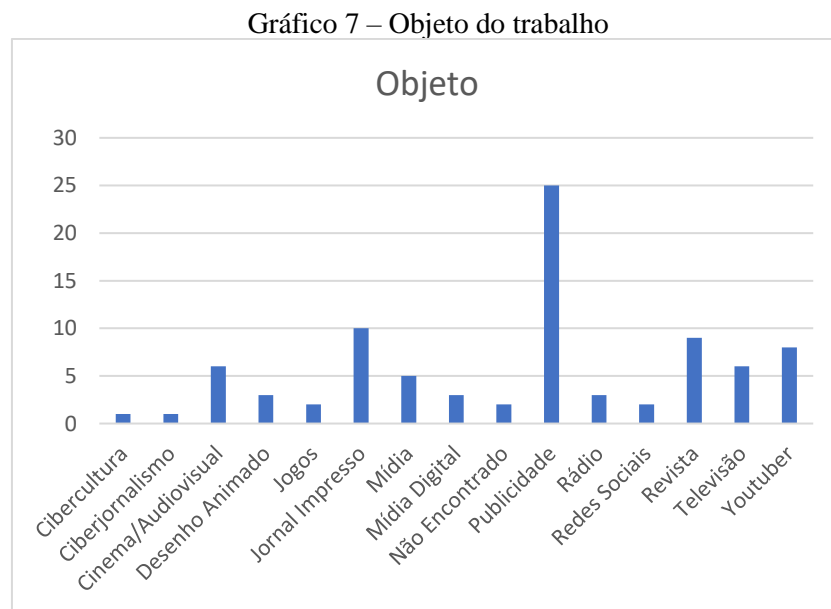
Quanto a técnica optada pelos autores, observa-se o Gráfico 6.



Fonte: Autor (2019)

Atesta-se que há variáveis técnicas utilizadas para se obter os resultados buscados na pesquisa. No entanto, há alguns que se destacam no levantamento. Primeiro a análise de conteúdo que conta com 37 artigos, posterior vem a utilização de entrevista contando em 11 artigos e 10 artigos que utilizaram análise do discurso. Válido apontar que 9 artigos contam como não encontrado/ não identificado, sendo dois aqueles que não foram achados para fazer-se a análise mais profunda dos métodos. Há um diversificado tipo de análise desde conteúdo, produto, crítica, cultural e descritiva. Observa-se também, interessante método de netnográfica.

E quanto ao objeto de pesquisa catalogados no trabalho e escolhidos para ser analisados pelos autores, ver-se no Gráfico 7.



Fonte: Autor (2019)

Testifica que grande parte dos estudos se concentram na publicidade, com 25 trabalhos, seguidos por 10 de jornal impresso e 9 de revistas. Estudos como cibercultura/ciberjornalismo, contam com apenas 1 trabalho de cada. Estudos sobre jogos/redes sociais. Visto que a criança contemporânea se encontra no meio digital falta trabalho para observar o mesmo (DORETTO, 2014).

### Considerações Finais

Na fase inicial do artigo, levantou-se duas hipóteses: (H1) há poucos trabalhos referentes ao jornalismo infantil sendo que área se concentra nos estudos da Publicidade

---

e poucos sobre jornalismo infantil. (H2) Quanto ao perfil dos autores, grande parte das produções se concentram na parte Sudeste do país.

Na primeira hipótese confirma-se parcialmente, pois dado a levantamento, observou que 25 dos 86 textos encontrados eram sobre publicidade. Há poucos trabalhos produzidos sobre jornalismo infantil, no entanto dado a contagem os 10 artigos encontrados são um número significativo dado ao que foi observado em relação aos outros. É possível identificar que há poucos trabalhos acerca das mídias digitais e que observam o meio virtual, onde hoje as crianças encontram-se (DORETTO,2010; MACIEL et al, 2018). Por fim, consta-se poucos trabalhos acerca do tema, dentro os 5 anos observados das cinco plataformas, constaram apenas 86. Sendo que os trabalhos se concentram em duas delas, Capes e Intercom. Deixa em aberto a segunda parte desta pesquisa olhar as Revistas de qualificação A1/A2 e B1/B2, talvez em busca de achar mais pesquisas.

Quanto ao perfil dos autores, confirma-se também a segunda hipótese. A pesquisas se concentram no Sudeste do país e áreas como Norte e Centro-Oeste, produzem pouco sobre o tema. O que demonstra um déficit na área de pesquisa nas outras regiões. Também constou um dado interessante quanto ao nível de graduação, muito se interessam no mestrado sobre o tema, mas levanta-se o questionamento tem interesse na pesquisa no doutorado? Os autores aqui deixam uma lacuna para ser estudada futuramente.

Ainda é possível observar o crescente interesse pela pesquisa no ano de 2018. Fica em aberto o questionamento se área irá crescer no decorrer dos anos. No entanto, com mapeamento aqui realizado não deixa de demonstrar lacunas dentro desse tema de pesquisa e a indagação onde estão as pesquisas sobre o tema? Onde estão as pesquisas sobre as produções infantis regionais? Lacunas que podem ser sanadas em pesquisas futuras, inclusive, pelos membros do grupo de pesquisa<sup>6</sup> a qual este estudo está vinculado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tamires Vichi de; SILVA, Elizeu do Nascimento. Jornalismo Infantil: a extinção de um segmento. *In: Intercom*, 40.,2017, Curitiba. **Anais** [...]Paraná: Curitiba. p. 1-15.

---

<sup>6</sup> Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cibercultura (Gciber) da Universidade Federal do Maranhão

Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0726-1.pdf>.  
Acesso em: 25. maio. 2019

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1997. p. 30-34.

CORUJA, P. Comunicação e Feminismo: um panorama a partir da produção de teses e dissertações do campo da Comunicação entre 2010 e 2015. *Ártemis*, Paraíba, v. 25, n. 1; jan-jun. 2018. p. 148-162

DORETTO, Juliana, Jornalismo. Jornalismo para a infância: uma proposta de definição. **C-Legenda – Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**. [S.L], n.30, p.59-72. ago. 2014. ISSN 1519-0617. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/697>. Acesso em: 17 abr. 2019

DORETTO, Juliana. Jornalismo Infantil e os nativos digitais. *In: Interprogramas de Mestrado*, 6., 2010, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: São Paulo. p. 1-11. nov. ISSN 2176-4476. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Juliana-Doretto.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf> Acesso em: 20 jun. 2019.

FERREIRA, Mayra, F. Infância em papel: o jornalismo infantil no interior. *In: Intercom*, 30., 2007, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Bauru. p.1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0769-2.pdf>. Acesso em: 17. abr. 2019

FERREIRA, Mayra F. Jornalismo Infantil: por uma prática educativa. *In: Intercom*, 30., 2007, Santos. *Anais* [...]. São Paulo: Santos. p.1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0769-1.pdf>. Acesso em: 21. abr. 2019

FURTADO, Thaís. H. O jornalismo infantil revistativo da Recreio. Revista: **Vozes e Diálogo**. Itajaí, v.14, n.2. p.18-31. jul./dez. 2015. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/8171/4774>. Acesso em: 16. abr. 2019

GADINI, S. L. **A lógica do entretenimento no jornalismo cultural brasileiro**. Revista Eptic, vol. IX, n. 1, ene, abril, 2007.

LIMA, Márcia. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. *In: CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO; SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO*. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo. São Paulo, 2016. p. 10-31

MACIEL, Luana; FEITAL, Yasmine; WINTER, Yasmin; VIANA, Luana. Webjornalismo Infantil: Uma Análise do Portal Plenarinho. *In: Intercom*, 23., 2018, Belo Horizonte. *Anais* [...]. Minas Gerais: Belo Horizonte. p.1-15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1437-1.pdf>. Acesso em: 21. abr. 2019

MACHADO, LARA, N.; BORELLI, Viviane. As estratégias 'para o seu filho ler': estudo do contrato de leitura da seção infantil da Zero Hora. Revista: **Estudos em Jornalismo**. Florianópolis: Santa Catarina, v.10, n.1. p.1-16. jan./jun. 2013. ISSN 1984-6924. Disponível

em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/19846924.2013v10n1p223/24985>.

Acesso em: 18. jan. 2019

MARCONI, M; LAKATOS, E. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2003. p.165-172

NASCIMENTO, Mariana. **Revista infantil Saladamista**. 2015. Dissertação (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/12182>. Acesso em: 16. abr. 2019

NORA, Gabriela. Jornalismo e eficácia: a segmentação no noticiário impresso. Revista: **Mediação**. Belo Horizonte, v.13, n.12. p.14-26. jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/506/pdf>. Acesso em: 17. jan. 2019  
. Acesso em: 20. abr. 2019

SILVA, Gabriela Almeida; SOUSA, Mariana de Paula Medeiros; SOUSA, Nayara Nascimento de; MASSUCHIN, Michele Goulart. Gênero como tema pesquisa: uma análise dos artigos publicados em revistas da Comunicação. In: Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, 12., 2018, Maranhão. **Anais** [...]. Maranhão: Imperatriz. p.1-12. Disponível em: <http://www.simcom.ufma.br/wp-content/uploads/2018/11/G%C3%AAneros-como-tema-de-pesquisa-uma-an%C3%AAlise-dos-artigos-publicados-em-revistas-da-Comunica%C3%A7%C3%A3.pdf>. Acesso em: 22. maio. 2019

SOUZA SILVA, Rafael. *O zapping jornalístico: da sedução visual ao mito da velocidade*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC-SP, 1996.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 25, n. 3, dec. 1996. p. 1-6

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. p. 19-33.

VARÃO, Rafiza; BEMFICA, Veronica. Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 7., 2009, Ceara. **Anais** [...]. Ceara: Fortaleza. p.1-15. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Quando%20jornalismo%20e%20infancia%20se%20encontram.pdf>

TAKARA, S. Pode uma bicha comunicar? At(r)aqes para uma Teoria da Comunicação. **Tríade**, Sorocaba, SP, v. 5, n. 10, dez. 2017. p. 18-32